

NOTA DE PESQUISA | *RESEARCH NOTE*

UM ENSAIO SOBRE PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO, PAISAGENS E PERSPECTIVAS, A PARTIR DO SÍTIO GO-Ja-02 (GRUTA DO DIOGO 2), SERRANÓPOLIS, GOIÁS

ARCHAEOLOGICAL HERITAGE, LANDSCAPES AND PERSPECTIVES, FROM THE SITE GO-Ja-02 (DIOGO'S CAVE 2), SERRANÓPOLIS, GOIÁS

Julio Cezar Rubin de Rubin ^a
Rosiclér Theodoro da Silva ^b
Marcos André Torres de Souza ^c

^a Geólogo; geoarqueólogo; dr. em Geociências e Meio Ambiente pela Unesp; prof. adjunto da PUC Goiás; bolsista de produtividade CNPq nível 2. E-mail: rubin@pucgoias.edu.br

^b Arqueóloga; dra. em Geociências e Meio Ambiente pela Unesp; profa. adjunto da PUC Goiás. E-mail: silva.rosicler@gmail.com

^c Arqueólogo; dr. em Antropologia pela Syracuse University, EUA; prof. associado do Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro; bolsista de produtividade CNPq nível 2. E-mail: torresdesouza@yahoo.com

RESUMO

O Complexo Arqueológico de Serranópolis se destaca pelos sítios em abrigos rochosos com registros de ocupações humanas desde aproximadamente 12.000 anos Antes do Presente, os quais apresentam, por exemplo, rica cultura material, sepultamentos humanos e estratigrafia complexa. São mais de 50 sítios cadastrados no IPHAN. O objetivo desse ensaio é abordar a preservação e a proteção do patrimônio arqueológico centrado no Sítio GO-Ja-02 e nas paisagens. O tema é tratado por meio de conversa entre três pesquisadores que apresentam argumentos, perguntas e dúvidas, entrelaçando-se no universo do patrimônio arqueológico, paisagens e perspectivas. Autores e obras são inseridos na conversa, com literatura e teoria arqueológica, em que a abordagem, em grande parte do texto, torna-se um plenário ou uma sala de aula, cujo conhecimento é compartilhado. Ao final, em uma reflexão conjunta, houve a decisão de que é necessário dar seguimento à conversa, mas, em campo, com a presença de discentes.

PALAVRAS-CHAVE

Arqueologia; Arqueologia de Goiás; Preservação do patrimônio arqueológico; Teoria arqueológica.

ABSTRACT

The Serranópolis Archaeological Complex is notable for its rock shelter sites with records of human occupation dating back approximately 12,000 years Before Present. These sites feature, for example, rich material culture, human burials, and complex stratigraphy. More than 50 sites are registered with IPHAN. The objective of this text is to address the preservation and protection of archaeological heritage, centered on the Site GO-Ja-02 and its landscapes. The topic is addressed through an conversation between three researchers who present arguments, questions and doubts, intertwining landscapes and perspectives in the universe of archaeological heritage. Authors and works are included in the conversation, with literature and archaeological theory, in which the approach, in much of the text, becomes a plenary or a classroom, where knowledge is shared. Finally, after a joint reflection, It was decided that it was necessary to continue the conversation, but on the field, with the presence of students.

KEYWORDS

Archaeology; Archaeology of Goiás; Archaeological theory; Preservation of archaeological heritage.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

RUBIN, Julio Cezar R; SILVA, Rosiclér Theodoro; SOUZA, Marcos André Torres. Um ensaio sobre patrimônio arqueológico, paisagens e perspectivas, a partir do sítio Go-Ja-02 (Gruta do Diogo 2), Serranópolis, Goiás. Cadernos do Lepaarq, v. XXIII, n. 45, p. 172 - 188, Jan-Jun, 2026.

Introdução

A proteção e a preservação dos sítios arqueológicos são preocupações de arqueólogos e gestores do patrimônio cultural brasileiro. O Complexo Arqueológico de Serranópolis (SCHMITZ et al., 1989; 2004) representa muito bem essa questão, podendo ser analisada a partir do conjunto dos seis núcleos estabelecidos, por núcleos ou mesmo por sítios. Nesse olhar, o objetivo desse ensaio é abordar a preservação e a proteção do patrimônio arqueológico, a partir de paisagens e do Sítio GO-Ja-02 (Gruta do Diogo 2), em que teoria e prática dialogam com os autores sobre patrimônio arqueológico, paisagens e perspectivas. Cada um analisa o contexto, utilizando-se de fontes para as discussões.

A abordagem se fundamenta nas pesquisas coordenadas pelo professor dr. Pedro Ignácio Schmitz entre 1970 e 1990 e de outras, principalmente as últimas duas décadas, como Rubin (2017; 2023) e Resende et al. (2019), bem como pesquisas de arqueologia preventiva. A proposta do tema resulta de observações da área desde 2021, quando iniciou a etapa de escavação do sítio. A opção de desenvolver o texto em diálogos entre os autores é consequência cotidiana da pesquisa envolvendo Rosi, Julio e demais integrantes do Projeto Serranópolis e um interlocutor não integrante dela, mas conhecendo-a por meio de fotografias e conversas frequentes.

Perspectivas em diálogos...

Rosi: Ontem, quando estávamos conversando sobre a proteção e a preservação do sítio, ficou clara a complexidade que envolve o GO-Ja-02, tanto em relação à ocupação pré-colonial da área quanto em relação aos atuais proprietários. Não vai ser fácil, especialmente, quanto às medidas mitigadoras.

Julio: Certamente, mas precisamos do diagnóstico, caso contrário, não teremos uma base para o prognóstico. Para isso, podemos utilizar a paisagem como elemento de análise. Vamos precisar de uma abordagem transdisciplinar.

Rosi: Há pouco tempo, lá na Pousada das Araras, estava falando com alunos e alunas sobre a paisagem no contexto da pesquisa arqueológica e o quanto ela fornece um conjunto de informações que permite estabelecer uma multiplicidade de abordagens. Citei os trabalhos de Criado-Boado (1999), Pellini (2014), Sampietro-Vattuone e Peña Monné (2016), Peña Monné et al. (2016) e Rubin et al. (2020) que abordam o tema sob diferentes perspectivas, ampliando a compreensão do contexto em que se encontram sítios arqueológicos.

Julio: Agora estou entendendo. Durante a trilha até o GO-Ja-03, alguns me perguntaram sobre isso, principalmente sobre abordagens em relação à paisagem a partir da geoarqueologia e da arqueologia da paisagem. Deixei claro que variam de acordo como os objetivos da pesquisa e de correntes teóricas. Alguém comentou também que houve uma conversa sobre o histórico envolvendo a paisagem na arqueologia. Acho que foi isso, já estávamos chegando ao sítio e, como sempre, a paisagem já estava me abraçando.

Rosi: Sim, tenho tratado do tema Paisagem na Arqueologia e, para isso, tenho usado um texto que Marcos Torres e você fizeram para a apresentação de uma edição da Revista Mosaico (SOUZA; RUBIN, 2020) voltada para Arqueologia e Paisagem, onde também tem um artigo muito bom do Pellini sobre o Egito (PELLINI, 2020). Vocês destacam as contribuições para os estudos de padrões de assentamentos e inserções nas correntes processuais, funcionalistas, distribucionais e simbólicas, além de ressaltarem os estudos da paisagem pela Arqueologia da Paisagem e pela Geoarqueologia.

Julio: Sim, gosto desse texto.

Rosi: Voltando à questão anterior, mencionaste, em algumas ocasiões, que gostas de fazer três perguntas em relação à paisagem.

Julio: Sim, o que ocorreu? O que está ocorrendo? E o que poderá ocorrer? Mas, sempre relativizando, explico que processos ou eventos naturais, como intemperismos, processos erosivos, disposição e característica das rochas e, em alguns casos, o tectonismo, por exemplo, permitem análises e interpretações sob as três perspectivas. Entretanto, a presença humana é um fator fundamental na análise.

Rosi: Alguns leram contigo o artigo da Carol Murta e do Pellini sobre “A Teoria na Prática Arqueológica: uma conversa sob a Luz do Luar” (LEMOS; PELLINI, 2011), gostaram muito do estilo. O contexto do GO-Ja-01 e do GO-Ja-02 permite algo semelhante. Você e o Marcos Torres organizaram a edição da Mosaico que mencionei. Poderíamos convidá-lo para um diálogo triplo referente às múltiplas perspectivas de investigação que envolvem o GO-Ja-02.

Julio: Ótima ideia! O Marcos e o Pellini me ajudaram muito a furar ou a sair da bolha, de inserir novos olhares. As discussões sobre paisagem e teorias arqueológicas que fazíamos nos corredores, nas escadas e na lanchonete da universidade, às vezes, acompanhadas por alunos e alunas do Curso de Arqueologia, foram fundamentais.

Rosi: E se o Marcos aceitar três olhares diferenciados ou complementares?

Julio: Vamos ver! Então vamos convidar o Marcos... Ele aceitou!

Julio: Então, Marcos, como você tem acompanhado, estamos escavando o GO-Ja-02, o qual foi objeto de pesquisa pela equipe coordenada pelo dr. Pedro Ignácio Schmitz. Algumas questões ficaram abertas, as quais estamos retomando e inserindo novas abordagens. Uma delas é sobre a proteção e a preservação do sítio, incluindo o GO-Ja-01, que fica a aproximadamente 500 m do GO-Ja-02. Acho que um diálogo entre nós serve para ampliar o contexto de análise da área, tendo a paisagem como elemento condutor. Você sabe que minha perspectiva inicial na arqueologia estava centrada na geoarqueologia, mas, com o tempo, fui buscando nas teorias arqueológicas qualificar minhas abordagens.

Marcos: Ótima conversa!

Rosi: Se vamos discutir sobre proteção e preservação dos sítios tendo como referência a paisagem, o que de certa forma realizei no doutorado, quero deixar claro que, nas minhas abordagens, não busco informações sobre a estruturação do relevo ou ambiente como o Julio. Início com a paisagem e as pessoas, pela observação da paisagem, e como ela foi apropriada e construí-

da, especialmente, pelos grupos pré-coloniais.

Julio: Para ajudar, é importante mencionar que, de acordo com Schmitz et al. (1989; 2004), os sítios arqueológicos GO-Ja-01 e GO-Ja-02 estão localizados em abrigos de arenito, tendo basalto sobreposto e sotoposto, em um talude (localmente identificado como paredão) esculpido no arenito, destacando-se na paisagem com encostas e chapadas. Os sítios apresentam expressiva cultura material, representações rupestres e cronologias desde aproximadamente 11.000 anos Antes do Presente (AP), associadas a ocupações de grupos caçadores-coletores e, posteriormente, grupos de agricultores ceramistas.

Rosi: Não se esqueça de que se encontram entre dois lençóis freáticos, sob intensa ação antrópica e processos naturais que estão atingindo diretamente os sítios e, principalmente, a paisagem, tanto a montante quanto a jusante. Coloquei as figuras 1 e 2 para facilitar a observação da paisagem atual.

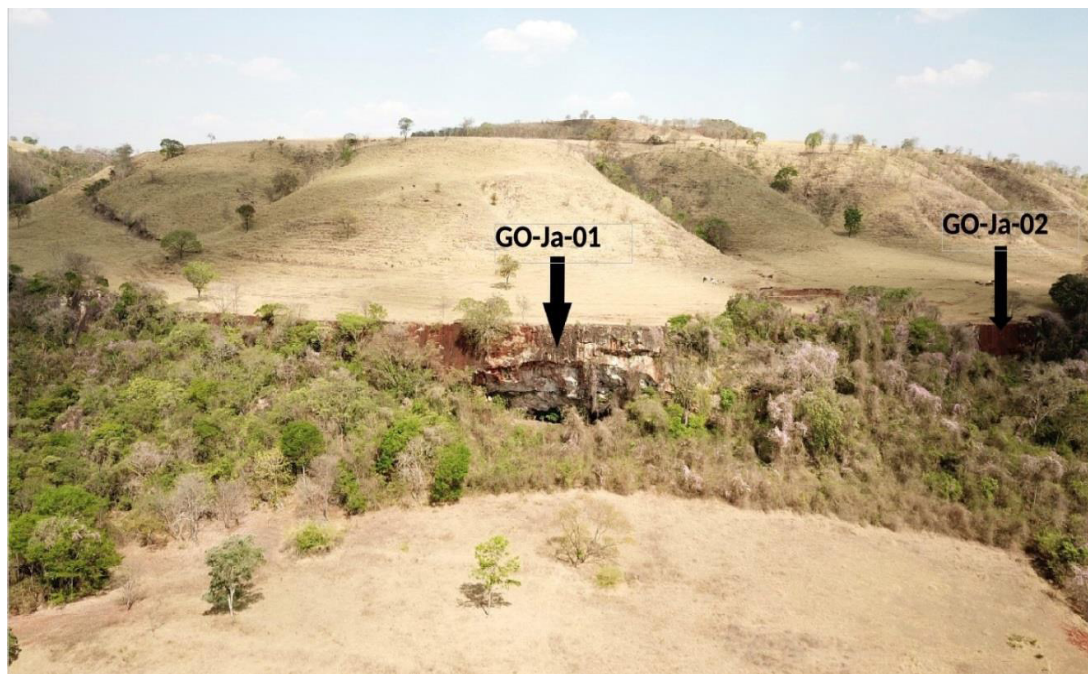


Figura 1: Vista frontal do talude onde se encontram os sítios GO-Ja-01 e GO-Ja-02, com destaque para a compartimentação da paisagem. Fonte: Acervo Projeto Serranópolis, setembro, 2019.



Figura 2: Vista de parte da encosta a jusante dos sítios GO-Ja-01 e GO-Ja-02. Fonte: Acervo Projeto Serranópolis, setembro, 2019.

Julio: Rosi e Marcos, quando pergunto o que ocorreu, está relacionado com a necessidade que tenho de tentar entender um pouco de como o relevo foi sendo estruturado, principalmente em relação às principais variáveis ou aos eventos ou processos, como mencionei. Trabalhos de Mamede et al. (1983), Nascimento (1991), Mamede (1999) e Latrubesse e Carvalho (2006) mostram como eventos tectônicos, derrames de basaltos, processos denudacionais, fatores bioclimáticos e geomorfogênese, principalmente, modelaram o relevo com chapadas, escarpas, encostas, fundos de vales e morros testemunhos. A variação na cimentação dos arenitos foi elemento fundamental para a formação dos abrigos, assim como os planos de fraturas e estruturas sedimentares, bem como a ação das águas pluviais e eólica. Basaltos e arenitos estão diretamente relacionados com os tipos de solos, respectivamente Latossolos, Podzólicos e Neossolos Quartzarênicos, conforme discutido por Scopel et al. (2005). O contexto apresentado constitui algumas das variáveis que estruturam o ambiente ocupado pelos primeiros grupos humanos na região, os quais encontraram recursos hídricos, fauna, flora, coberturas vegetais associadas. Tema que foi abordado por alguns autores como Schmitz et al. (1978; 2004), até mesmo por nós em Rubin et al. (2015). Esse ambiente apropriado e modificado resultou numa paisagem com significativas assinaturas humanas, em coalescência ou contemporâneas, envolvendo processos naturais e ações antrópicas. Como imaginar ou estruturar momentos dessa paisagem? Uma alternativa é analisar a atual, identificar processos naturais e ações antrópicas, correlacionar com os padrões de subsistência e atividades desenvolvidas pelos grupos humanos que a construíram ao longo do tempo. É um exercício de observação e interpretação, mas nada cartesiano, tipo causa e efeito.

Rosi: Que monólogo longo, parece o primeiro Quarto de Hamlet. Repito, acho que não precisa se aprofundar tanto, basta analisar a paisagem atual. Os processos naturais e a ação humana vão nos subsidiar quanto ao que poderá acontecer. Isso é o mais importante.

Julio: Concordo em parte, uma vez que, no processo de análise que utilizo, gosto de enten-

der os elementos e os processos envolvidos, gosto de pensar de forma integrada o mais recuado no tempo que for possível, pensando em eventos/processos naturais e humanos, assim como você.

Rosi: São diferentes perspectivas?

Marcos: Acompanhando a conversa até aqui com muito interesse, Rosi parece ter tocado em um ponto que acho muito importante. Estamos falando de preocupações, a meu ver, do presente e do futuro, dentro de uma ótica patrimonial, e do seu passado, dentro de uma ótica geoarqueológica, e da leitura da paisagem. Mas aqui vai uma provocação: essas são mesmo diferentes perspectivas ou poderíamos encará-las como duas faces da mesma realidade?

Rosi: Provocação importante nessa conversa. Duas faces ou a mesma face com assinaturas sobrepostas?

Marcos: Parece que estamos chegando num ponto interessante...

Julio: Minha perspectiva é a segunda: a mesma face com assinaturas sobrepostas. Com o tempo, passei a unificar as abordagens. Rosi, você está mais próxima da etapa que pergunto o que está ocorrendo. Vou tentar ser menos shakespeariano. É nessa fase que o arqueólogo pode perder uma quantidade significativa de informações em decorrência da intensificação dos processos naturais e da ação antrópica atual. No contexto dos sítios mencionados, a cobertura vegetal original foi quase toda removida para o uso do solo na agricultura e na pecuária. Os processos erosivos se formaram e avançaram sobre a área, especialmente nas proximidades dos sítios. O escoamento pluvial, sem a cobertura vegetal original, intensifica as perdas de solos e o consequente transporte de montante, incidindo na parte frontal do sítio. A água do lençol freático de montante e do escoamento pluvial que se infiltra pelas fraturas e diáclases de arenitos e basaltos é um catalizador de processos geoquímicos nas paredes dos abrigos, com ou sem representações rupestres, além de contribuir com o deslocamento do arenito. O freático de jusante, favorecido pela presença de solo pouco estruturado e pela retirada da cobertura vegetal original, contribui para a formação e o desenvolvimento de processos erosivos remontantes, como ravinas que avançam no sentido dos sítios. Trata-se de uma síntese da paisagem atual, a partir da qual é possível o prognóstico para paisagens futuras. Estou correlacionando processos e ações com ocupação humana. Está mais Julio Cortázar!

Rosi: Rayuella! (O jogo da amarelinha em português - no qual Cortázar apresenta diferentes possibilidades de ler a obra). Considerando que você, por vezes, é um Cronópio, um Esperança ou um Fama, personagens de outra obra do Cortázar (1995) que você gosta, vejo uma abordagem muito geoarqueológica, utilizando uma diversidade de variáveis. Entendo que estamos pensando na proteção e na preservação dos sítios, e que as variáveis mencionadas são importantes, entretanto, trata-se de um conjunto de processos e ações que, muitas vezes, são ou foram concomitantes. Onde estão os grupos humanos?

Marcos: Não sei se deveria, mas vou interromper a conversa que, nesse ponto, está boa! Quero acrescentar uma reflexão e, em seguida, retomar minha provocação, pegando o gancho da Rosi. Há alguns anos, editei um volume com o Diogo Costa sobre arqueologia histórica e meio

ambiente (SOUZA; COSTA, 2018). Um dos trabalhos que nas discussões arqueológicas sobre o meio ambiente mais me inspiraram foi um artigo, a meu ver, brilhante, do Tilley et al. (2000). A partir da análise geomorfológica de um sítio pré-histórico na Inglaterra - com alta presença de mantos de blocos e lascas de rocha que foram utilizados pelas populações que lá viveram (hoje denominados por *clitters*) - argumentaram que essas formações não podem ser vistas nem como culturais nem como naturais, mas como híbridas cultura-natureza. E a explanação dos autores - que não vou elaborar aqui para não encompridar demais a conversa - é brilhante! Por que me lembro disso? Porque assim como aquelas estranhas formações geológicas inglesas todos esses agentes humanos e não humanos que vocês mencionam são envelopes cultura-natureza. Assim, poderiam ser vistos desse mesmo modo. Aqui vai a provocação: e se encararmos essas preocupações diferentes como interligadas? Não interessa para a preservação desses sítios sua geomorfologia e sua história humana profunda? Olhando por outro ângulo, não interessam as interações das pessoas do presente com esse ambiente para a interpretação geomorfológica de processos culturais pretéritos? Não seria, afinal, interessante combinar essas preocupações para além de rupturas arbitrárias do tipo cultura x natureza ou passado x presente?

Julio: Marcos, suas questões são fundamentais. Conheço o texto que mencionaste, entretanto, sempre considerei utilizar um sítio híbrido, com uma explicação do contexto, sem destacar a cultura-ambiente, uma vez essa relação pode suscitar separações conceituais entre as partes. Nas perguntas 2 e 3 que formulei: que está ocorrendo e o que poderá ocorrer, trago grande parte das minhas preocupações em relação à preservação do patrimônio arqueológico. É a interligação com a história humana profunda por meio da geoarqueologia e da arqueologia da paisagem. E é aí que uma questão fundamental surge: muitas assinaturas humanas foram destruídas e outras poderão desaparecer.

Rosi: Tecnicamente, também estamos falando de diagnóstico e prognóstico, causa e consequência na linguagem dos estudos de impactos ambientais em relação ao patrimônio cultural, e de minimizar o inevitável, como o desgaste das pinturas e gravuras, a erosão das rochas dos abrigos, a bioturbação e outros processos pós-deposicionais, agindo no registro arqueológico. Se é inevitável, a forma tradicional como temos pensado proteção e preservação está correta? A nossa preocupação com as variáveis, os contextos, os processos, as ações, por exemplo, não está nos impedindo de averiguar ou pensar em outras perspectivas?

Julio: Ah, são duas perguntas. Vamos lá. Quando pergunto o que poderá ocorrer, nesse caso, a paisagem descrita, analisada e/ou interpretada destaca processos naturais e ação antrópica. O olhar do arqueólogo, do geoarqueólogo ou do profissional com afinidade com arqueologia, detentor de conhecimentos básicos de geociências e de arqueologia da paisagem, poderá formular hipóteses de que, na encosta frontal aos sítios, surgirão novas ravinas e voçorocas remontantes que poderão chegar às áreas dos abrigos. O fluxo pluvial, tanto laminar quanto linear, continuará transportando sedimentos e solos pelas fraturas das rochas e, pelo escoamento superficial, depositando-os na parte frontal dos sítios, quando de baixa energia, ou erodindo, quando de alta energia. As rochas de paredes e tetos continuarão se deslocando, com represen-

tações rupestres ou não. O arenito friável vai continuar sendo erodido; o pacote de sedimentos que forma o registro arqueológico continuará sendo impactado por bioturbação e processos geoquímicos resultantes, principalmente, de introdução de elementos químicos oriundos do basalto pela lixiviação, por exemplo. Essa é uma projeção do que poderá ocorrer. É terrível, catastrófico? Depende da perspectiva do observador e da sua noção de proteção e preservação do patrimônio arqueológico, mas é uma realidade com base nas variáveis abordadas e no sistema de usos e manejos dos solos e na proteção dos recursos naturais e culturais do nosso país. Aqui menciono a pergunta estabelecida no título da obra de Kern (2017): *Nosso passado terá um futuro?*

Marcos: Ótima pergunta. Principalmente, hoje, quando questionamos se nosso presente *tem* um futuro, já que caminhamos para um amanhã imprevisível, dadas as drásticas mudanças climáticas que estamos vivendo (SARDAR; SWEENEY, 2015), que, aliás, impactam severamente as constituições passado e presente. Lembro que vivemos numa época definida como a “grande aceleração”, quando os impactos humanos no planeta se tornaram massivos (STEFFEN et al., 2015). Por isso, essas questões que você coloca, nesse exato momento, são realmente importantes.

Rosi: Sob essa linha de abordagem no estudo de caso em questão, o GO-Ja-02, o olhar do arqueólogo desvenda, analisa, interpreta e projeta as diferentes paisagens que foram se sucedendo ou se trata de apenas uma paisagem que foi se ajustando de acordo com os diferentes agentes? Nesse caso, a projeção é fundamental para que medidas sejam tomadas na etapa da pergunta 2: o que está ocorrendo? Você acha que projetar paisagens futuras considerando as diferentes formas e intensidades das ações humanas e dos processos naturais é capaz de subsidiar procedimentos relacionados com a proteção e a preservação do patrimônio cultural, mais especificamente dos sítios?

Marcos: Rosi, para mim, você novamente chegou lá! Pelo que eu ponderei antes, a resposta é um retumbante sim! Avançando nessa conversa, quero entrar em alguns elementos teóricos levando em conta autores como Ingold (1994), Olsen (2010) e Witmore (2014), quando, acerca do tempo e da memória, argumentam que as temporalidades formam um entrelaçado de redes e conexões entre diferentes épocas. Dito de outro modo, eles entendem que o passado está inscrito no presente. Nessa linha de raciocínio, podemos falar de um presente que não está compreendido apenas por coisas da mesma época, mas por um campo multitemporal no qual o passado se acumula. Aqui vai um interessante jogo de palavras proposto por Witmore (2014), a partir desse argumento: a arqueologia não lida com o que foi, ela lida com o que se torna do que foi, e o que foi, aparentemente, está sempre em formação. Quando caminhamos pelos sítios de Serranópolis, não será isso o que afinal vemos e percebemos? Se chegamos a alguma concordância aqui, acho que temos uma maneira interessante de enxergar as paisagens passadas, presentes e futuras.

Rosi: Certamente, o caminhar por Serranópolis, considerando a quantidade de sítios arqueológicos, permite refletir sobre redes e conexões por meio da imersão na paisagem e na materialidade sobre o passado a partir do presente. Um exemplo disso pode ser o "portal" existente entre as partes externa e interna do abrigo do GO-Ja-02 (**Figura 3**). Estamos escavando na parte

externa, mas observei que, frequentemente, olhamos para o "portal", trocamos impressões sobre ele e a parte interna. Já discutimos a relação entre ele, a parte externa e o piso onde foi exumado o sepultamento que estava a 1,8 m de profundidade. Nesse contexto, pensamos em detalhes relacionados com o sítio, um indivíduo e as paisagens. Isso é tratar de um campo multitemporal no qual o passado se acumula?



Figura 3: Vista da área de escavação do Sítio GO-Ja-02. Ao fundo, o "portal" (seta amarela). Fonte: Acervo Projeto Serranópolis, junho, 2025.

Julio: Penso que sim, conectamos as partes internas e externas do sítio por meio do "portal". Brilhante as observações de vocês! Sob essa perspectiva, penso constantemente no que não estamos conseguindo enxergar, não apenas para salvaguardar, mas pensando nas redes e conexões, ou seja, nos humanos que ali viveram. Quanto mais pudermos preservá-los, maior as possibilidades de investigá-los sob diferentes perspectivas ou correntes teóricas. Nesse caso, maior as possibilidades para que as gerações futuras se somem a esse processo de construir o passado a partir do presente rumo ao futuro. É sempre um desafio... e por sorte não tenho uma alternativa como o Aleph da obra do Borges (1997), que permite observar o universo em toda sua existência.

Rosi: Entendo, Julio, que você considera que o conjunto de informações obtidas com a análise da paisagem fornece variáveis que podem, por exemplo, ser relacionadas ou correlacionadas com a formação de registro arqueológico, mobilidade, território e intervisibilidade, por exemplo. Em relação à questão da construção do passado, você comentou que gostou de ler Hodder (2003) e Shanks (2007).

Julio: Sim, foram importantes em relação à questão da subjetividade das evidências. São várias influências, impossível mencionar todas aqui, mas vamos lá! Bueno (2019) destaca que Gamble (2015) questiona o conceito de pré-história pelo fato de que representa uma interrupção arbitrária no tempo, destacando que o mais adequado é usar a História profunda. É essa continuidade que, com as devidas especificidades, busco em relação ao tema que estamos discutindo.

Marcos: Julio, lembro que na arqueologia histórica isso tem sido também muito contestado. Veja, por exemplo, o livro organizado por Schmidt e Mrozowski (2013), além do artigo clássico do Lightfoot (1995).

Rosi: Conheço esse texto do Lucas Bueno. Ele também menciona outros autores em relação à essa questão, dentre eles, Krenak (1992), quanto ao uso do termo História indígena para o estudo do povoamento inicial da América, em detrimento ao de pré-história ou mesmo pré-colonial. De acordo com os resultados das pesquisas arqueológicas coordenadas pelo dr. Pedro Ignácio Schmitz, a datação mais recuada para a ocupação humana na região de Serranópolis é de aproximadamente 11.000 anos AP. De acordo com o mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú, a área foi ocupada pelos Kayapó do Sul. A ocupação inicial é o marco que utilizo para a nossa discussão. Contudo, em algumas leituras, tenho visto que a área também pode ter sido ocupada por outros grupos, provavelmente os Bororo, hoje centrados principalmente no Mato Grosso. São duas assinaturas (Kayapó e Bororo) nas paisagens ainda não elucidadas, uma lacuna importante a ser tratada.

Julio: Bem, temos três perspectivas de análise, reflexões... A perspectiva fornecida pelos termos História indígena ou História profunda reforça, para mim, a continuidade temporal, a indissociabilidade entre passado, presente e futuro. São nesses sentidos que vejo um dos objetivos da proteção e da preservação dos sítios e da(s) paisagem(ens) de assegurar as assinaturas dos grupos humanos. Ainda temos que considerar que a área em questão também foi palco de acampamentos da Coluna Prestes em dois pontos: na Fazenda Maria Bárbara, distante 1 km do sítio, e na Fazenda Sem Tinta, distante dele 5 Km. Uma diversidade de assinaturas.

Marcos: Falamos de práticas compartilhadas e contínuas!

Julio: Marcos, quando você menciona as práticas compartilhadas e contínuas, temporalidade e memória, volto com a paisagem e, especialmente, algumas obras importantes. Certamente, vocês também possuem suas referências.

Rosi: Concordamos numa abordagem da paisagem como um artefato, elemento construído, em que se fazem presentes vivências individuais e coletivas, como abordado por Knapp e Ashmore (1999), Ashmore (2004) e Zedeño (1997, 2016).

Julio: Sim, são trabalhos clássicos, mas, no meu caso, na graduação em geologia na Unisinos na década de 1980, em disciplinas como geomorfologia, a paisagem era pouco mencionada e a compartimentação do relevo abordada basicamente por meio de geologia estrutural e processos de intemperismo. No início da minha caminhada na arqueologia, ainda tinha relutância em me inserir na perspectiva da paisagem como artefato. Na década de 1990 e no início dos anos 2000, estudos relacionados com a paisagem cultural e natural ainda eram fortes, o que me atraiu.

Rosi: Lembro, inclusive, que durante a edição do evento El Hombre Temprano en América, numa etapa de campo próximo a Manizales, Colômbia, discutimos sobre isso, com Jordana, Maira, Fernanda e Martha.

Julio: Seguindo a observação do Marcos, Gonzáles-Ruibal (2012) destaca a relação entre a escrita e a imagem na materialidade, texto que tenho utilizado muito nos últimos anos, destaca-

damente na pesquisa do GO-Ja-02, envolvendo pinturas, gravuras, pacote arqueoestratigráfico e paisagem.

Rosi: Nesse sentido, a Rubertone (1986) também contribuiu para novas abordagens, a partir da Arqueologia Histórica, assim como Villafañez (2011) facilitou o contexto histórico de paisagem por meio de uma correlação entre geografia e arqueologia.

Julio: Se partimos para influências, Criado-Boado (1999) é também uma referência importante, inclusive citado por Villafañez. Ele aborda a paisagem como resultante de processos sociais. Lembro-me do texto original que menciona a paisagem como “el producto socio-cultural creado por la objetivación sobre el medio y en términos espaciales de la acción social tanto de carácter material como imaginario” (CRIADO-BOADO, 1999, p.5).

Rosi: Utilizamos vários autores em nossos diálogos, convergindo para a significância das reflexões práticas e teóricas, tendo como objetivos a pesquisa em desenvolvimento e a preservação do patrimônio arqueológico. Uma atividade como essa proporciona o diálogo com autores e suas perspectivas. Têm algumas variáveis relacionadas com a paisagem ou as paisagens do GO-Ja-02 que me acompanham o tempo todo quando estou em campo, e não são somente em relação às três perguntas que mencionaste. Costumo me deslocar na área de escavação ou ir ao sítio pensando sob as perspectivas histórico-cultural, processual e pós-processual. É um ótimo exercício.

Julio: Concordo. Sob essa abordagem, outro dia estava caminhando com alunos, você também estava, do sítio ao Córrego Bela Vista, discutindo sobre o tato podal, tratado pelo Ingold (2015) ou mesmo coisas e vida (Ingold, 2012). Em muitas oportunidades, pensei em espaço e lugar (TUAN, 1983), coisas e substâncias (HILBERT, 2020), Teoria Ator-Rede (LATOUR, 2005; 2012), humanos e coisas (HODDER, 2014). Um universo de temas, variáveis, pessoas, tempos e perspectivas.

Rosi: Bem, se é assim, como não trazer à tona a agência, presente nas obras de diversos autores, quando estávamos realizando a atividade prática de cerâmica no Córrego Bela Vista com os alunos e alunas. Essa foto (**Figura 4**) ilustra a atividade.



Figura 4: Atividade prática da disciplina Tecnologia Cerâmica II, à margem do Córrego Bela Vista, Serranópolis, Goiás. Fonte: Projeto Serranópolis, maio, 2024.

Marcos: Estou cá pensando em agência também, mas das coisas. Não pude deixar de pensar nisso quando me deparei com essa foto e a contemplei por um tempo. Arqueologia é imersiva, não é verdade? Nosso gabinete é o mundo e as coisas, nos quais estamos imersos: sentimos o cheiro do mato, ouvimos o rio correr, o vento soprar, notamos o chão duro, respiramos o ar seco, desfrutamos da sombra, molhamos os pés... Isso não é trivial. As coisas nos afetam de diferentes maneiras. Tão importante quanto isso, penso eu, e sem deixar de lado, claro, meu apreço pela fenomenologia, noto que existimos em relação ao mundo e o vivenciamos de modo experiencial, e eu acho que esse engajamento prático é uma ferramenta – metodológica, sem dúvida – para pensarmos todas essas questões que vocês colocam. Esse engajamento prático é uma ferramenta metodológica para pensarmos em todas essas questões que vocês colocaram.

Julio: Essa atividade foi realizada durante uma etapa de campo da disciplina Prática de Campo 2, com o objetivo principal de propiciar a imersão dos discentes no mundo das coisas ou de outras coisas, que não o da escavação que era realizada diariamente. O resultado, creio, foi excelente. Antes da atividade, mencionei para eles que gostaria de testemunhar o diálogo entre Latour e Ingold, discutindo, por exemplo, a Teoria Ator-Rede, durante o deslocamento até o Córrego Bela Vista, partindo da área de escavação. Complementado, duas outras obras que me ajudaram muito foram Ensaio sobre a Arqueologia da Paisagem (STRAUSS, 2021) e Arqueologia da Paisagem (KORMIKIARI, 2014), além de algumas publicações do Marcelo Fagundes.

Marcos: Falar do passado e do futuro do passado, por meio de redes que construímos com o mundo em que habitamos, era isso o que eu tinha em mente.

Rosi: Marcos, na atividade com os discentes, essa relação estava presente, todos os envolvidos, na verdade, estavam numa conexão passado, presente e futuro. Teoria e prática, escandalosamente, acompanhando-nos como sempre. Isso ressalta a necessidade de proteção, preservação e gestão do patrimônio arqueológico. Tema tratado especialmente pela comunidade arqueológica, certo?

Julio: Sim, mas...

Rosi: Dialogar com diferentes abordagens teóricas abre portas do conhecimento, ampliando as possibilidades de análises. Isso é frase de efeito, mas torna-se emblemática em relação ao GO-Ja-02 e aos resultados parciais da pesquisa.

Julio: O tema permite que estejamos sempre acompanhados de autores, correntes teóricas e perspectivas, como parte do cotidiano. No que se refere à arqueologia, as paisagens são elos, como já deixei claro.

Rosi: Sim, deixaste claro, bem como as perspectivas do Marcos. Acho que podemos ir finalizando. Foi uma ótima conversa, que nos deixa com vontade de retomá-la. Uma proposta: podemos realizar algo semelhante em campo com os discentes?

Marcos: Rosi, definitivamente sim.

Julio: Não tinha pensando nisso, mas topo!

Referências bibliográficas

- ASHMORE, Wendy. Social Archaeology of Landscapes. In: MESKELL, Lynn; PREUCEL, Robert W. A Companion to Social Archaeology. Oxford: Blackwell, 2004, p. 255-271.
- BORGES, Jorge Luis. El Aleph. Madrid: Alianza, 1997.
- BUENO, Lucas. Arqueologia do povoamento inicial da América ou História Antiga da América: quanto antigo pode ser um 'Novo Mundo? Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas, v. 14, n. 2, p. 477-495, mai/ago, 2019.
- CORTÁZAR, Julio. Histórias de cronópios e de famas. Buenos Aires: Alfaguara, 1995.
- CRIADO-BOADO, Felipe. Del terreno al espacio: planteamientos y perspectivas para la arqueología del paisaje. Capa 6: Criterios y Convenciones en Arqueología del Paisaje. Grupo de Investigación en Arqueología de Paisaje. Santiago de Compostela : Universidad de Santiago de Compostela, 1999.
- GAMBLE, Clive. The anthropology of deep history. Journal of the Royal Anthropological Institute, v. 21, n. 1, p. 147-164, mar, 2015.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. Hacia otra arqueología: diez propuestas. Complutum, v. 23, n. 2, p. 103-116, 2012.
- HILBERT, Klaus. Estudos de cultura material: sobre coisas e substâncias na arqueologia. Oficina do Historiador, v. 13, n. 1, p. 1-12, 2020.
- HODDER, Ian. The entanglements of humans and things: a long-term view. New Literary History, v.45, n.1 p. 19-36, 2014.
- HODDER, Ian. Archaeological reflexivity and the local voice. Anthropological Quarterly, v. 76, n. 1, p. 55-69, 2003.
- INGOLD, Tim. Estar vivo: ensaios sobre movimentos, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, ano 18, n. 37, p. 25-44, 2012.
- INGOLD, Tim. The temporality of the landscape. *World Archaeology*, v. 25, p. 152-174, 1994.
- KERN, Arno A. O nosso passado terá um futuro? reflexões sobre a arqueologia. Dossiê - Arqueologia e cultura material. *Revista História: Debates e Tendências* (online), v. 17, n. 1, p. 23-39, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5524/552459228002/html/>. Acessado em: 12 out. 2021.
- KNAPP, Arthur Bernard; ASHMORE, Wendy. Archaeological Landscape: Constructed, Conceptualized, Ideational. In: ASHMORE, Wendy; KNAPP, Arthur Bernard *Achaeologies of Landscape*. Oxford: Blackwell, 1999, p. 1-30.
- KORMIKIARI, Maria Cristina Nicolau. Arqueologia da paisagem. Labeca -MAE/USP, 2014.
- KRENAK, Aílton. Antes o mundo não existia. In: NOVAES, Adauto. *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 201-204.
- LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução a Teoria Ator-Rede*. Salvador: Edufba, 2012.
- LATOUR, Bruno. *Reassembling the social: an introduction to social actor: Network-Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- LATRUBESSE, Edgardo; CARVALHO, Thiago Morato de. *Geomorfologia do estado de Goiás e Distrito Federal*. Goiânia: Secretaria de Indústria e Comércio. 2006.
- LEMOES, Caroline Murta; PELLINI, José Roberto. A teoria na prática arqueológica: uma conversa sob a luz do luar. *Habitus*, v. 9, n. 1, p. 33-47, jan./jun., 2011.
- LIGHTFOOT, Kent G. Culture contact studies: redefining the relationship between Prehistoric and Historical Archaeology. *American Antiquity*, v. 60, n. 2, p. 199-217, 1995.
- MAMEDE, Lindinalva. *Análise e Interpretação geomorfológica da Bacia do Córrego Taquara-DF*. Tese (Doutoramento em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- MAMEDE, Lindinalva; ROSS, Jurandyr Luciano Sanches; NASCIMENTO, Maria Amélia Leite do. *Geomorfologia*. In: Projeto RADAMBRASIL, folha SD.22 Goiás. Rio de Janeiro :IBGE, 1983, p. 349-412.
- NASCIMENTO, Maria Amélia Leite do. *Geomorfologia do Estado de Goiás*. *Boletim Goiano de Geografia*, v. 12, n. 1, p. 1-22, jan./dez., 1991.
- OLSEN, Bjørnar. *In defense of things: archaeology and the ontology of objects*. Lanham: AltaMira Press, 2010.
- PELLINI, José Roberto. Bitucas e a materialização do equívoco: Qurna e suas paisagens potenciais. *Revista Mosaico*, v. 13, p. 30-41, 2020.
- PELLINI, José Roberto. Paisagens: práticas, memórias e narrativas. *Habitus*, Goiânia, n. 12, v. 1, p. 125-142, 2014.
- PEÑA MONNÉ, José Luis; SAMPIETRO VATTUONE, Maria Marta.; MALDONADO, Mario. Gabriel; CANO, Sergio Fabián.; AGUIRRE, Maria Gabriela. Contexto geomorfológico y problemas de conservación en el sitio arqueológico El Pichao (Valle de Santa María, noroeste Argentino). In:

- SAMPIETRO VATTUONE, Maria Marta; PEÑA MONNÉ, José Luis. Geoarqueología de los valles Calchaquíes. Tucumán : Universidad Nacional de Tucumán, 2016, p. 165-184.
- RESENDE, Fernanda Elisa Costa Paulino e; FERNANDES, António Batarda; RUBIN, Julio Cezar Rubin de; BARBERI, Maira; BICHUETTE, Maria Elina.; GALLÃO, Jonas Eduardo; ZEPON, Tamires.; SILVA, Sergia Meire da; SOUZA, Uelde Ferreira de. Relatório final das ações emergenciais de conservação das pinturas e gravuras rupestres nos sítios de abrigos do Complexo Arqueológico de Serranópolis-GO. Brasília : MRS Estudos Ambientais, 2019.
- RUBERTONE, Patrícia E. Historical Landscapes: archaeology of place and space. *Man in the Northeast*, n. 31, p. 123-38, 1986.
- RUBIN, Julio Cezar Rubin de. Ocupação pré-colonial do Planalto Central Brasileiro a partir da perspectiva do sítio arqueológico GO-Ja-02, Serranópolis, Goiás. PUC Goiás: Goiânia, 2023.
- RUBIN, Julio Cezar Rubin de ; SOUZA, Marcos André Torres de; BAYER, Maximiliano; SILVA, Rosiclér Theodoro; BARBERI, Maira. A paisagem como elemento de análise: mesopotâmia dos rios Araguaia e Peixe, Goiás. *Revista Mosaico*, v. 13, p. 83-101, 2020.
- RUBIN, Julio Cezar Rubin de. Escavação do sítio arqueológico GO-JA-02, Serranópolis, Goiás. PUC Goiás: Goiânia, 2017.
- RUBIN, Julio Cezar Rubin de; SILVA, Rosiclér Theodoro da; VAZ, Ludimilia Melo.; BARRETO, Cristiana. Transformações na paisagem por grupos pré-coloniais, Goiás, Brasil. In: RUBIN, Julio Cezar Rubin de ; SILVA, Rosiclér Theodoro da; DUBOIS, Cristian Mario Favier. *Geoarqueologia na América do Sul*. Goiânia: PUC Goiás. 2015, p. 141-168.
- SAMPIETRO-VATTUONE, M. M.; PEÑA MONNÉ, J. L. Geomorphological dynamic changes during the Holocene through ephemeral stream analyses from Northwest Argentina. *Catena*, n. 147, p. 663-677, 2016.
- SARDAR, Ziauddin; SWEENEY, John A. The three tomorrows of postnormal times. *Futures*, v. 5, p. 1-13, 2015.
- SCHMIDT, Peter R.; MROZOWSKI, Stephen A. (Eds.). *The death of prehistory*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio; ROSA, André Osorio; BITENCOURT, Ana Luisa Vietti. *Arqueologia nos cerrados do Brasil Central*. Pesquisas Antropologia, Serranópolis III, n. 60, 2004.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio.; BARBOSA, Altair Sales; JACOBUS, André. *Arqueologia nos cerrados do Brasil Central*. Pesquisas Antropologia, Serranópolis, n. 44, 1989.
- SCOPEL, Iraci; PEIXINHO, Dimas Miraes; SOUSA, Marlice Silva. A formação de areais e seu controle na região de Jataí e Serranópolis/GO. Relatório final do Projeto de Pesquisa/PROINPE/SEC-TEC/CNPq. 2005.
- SHANKS, Michael. Symmetrical Archaeology. *World Archaeology*, v. 39, n. 4, p. 589-596, Dec. 2007.
- SOUZA, Marcos André Torres de; RUBIN, Julio Cezar Rubin de. *Arqueologia e paisagem*. *Revista Mosaico*, v. 13, p. 3-6, 2020.
- SOUZA, Marcos André Torres de; COSTA, Diogo Menezes. (Eds.). *Historical archaeology and environment*. New York: Springer, 2018.

- STEFFEN, Will; BROADGATE, Wendy; DEUTSCH, Lisa; GAFFNEY, Owen; LUDWIG, Cornelia. The trajectory of the Anthropocene: the great acceleration. *The Anthropocene Review*, v. 2, p. 81-98, 2015.
- STRAUSS, André Menezes. Um ensaio sobre a arqueologia da paisagem. *Revista Hawò*, v. 2, p.1-23, 2021.
- TILLEY, Christopher.; HAMILTON, Sue; HARRISON, Stephan; ANDERSON, Ed. Nature, culture, clutter: distinguishing between cultural and geomorphological landscapes. The case of Hilltop Tors in South-West England. *Journal of Material Culture*, v. 5, n. 2, p. 19-224, 2000.
- TUAN, YI-FU. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.
- VILLAFANEZ, Emilio Alejandro. Entre la geografía y la arqueología: el espacio como objeto y representación. *Revista de Geografía Norte Grande*, n. 50, p. 135-150, 2011.
- WITMORE, Christopher. Archaeology and the new materialisms. *Journal of Contemporary Archaeology*, v. 1, n. 2, p. 203-246, 2014.
- ZEDEÑO, María Nieves. The archaeology of territory and territoriality. In: DAVID, Bruno; THOMAS, Julian. *Handbook of Landscape Archaeology*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2016, p. 210-217.
- ZEDEÑO, María Nieves. Landscape, land use, and territory formation: an example from the Puebloan Southwest. *Journal of Archaeological Method and Theory*, n. 4, p. 67-103. 1997.

Recebido em: 27/09/2025
Aprovado em: 22/12/2025
Publicado em: 10/06/2026